

CAPÍTULO 12

AÇÃO EDUCATIVA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: A INDÚSTRIA CARBONÍFERA POR MEIO DO ACERVO DO CEDOC/ UNESC

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/pcdma12>

Michele Gonçalves Cardoso

Tiago da Silva Coelho

Krislaine da Cruz de Campos

Liziane Acordi Rocha

Nathália Pereira Cabral

SUMÁRIO

The background of the page features a large, faint spider web overlaid on a landscape. In the background, there are rolling hills under a cloudy sky. In the foreground, several people are visible, some appearing to be engaged in an activity, possibly related to the educational theme of the book. The overall color palette is warm, with shades of orange and yellow.



INTRODUÇÃO

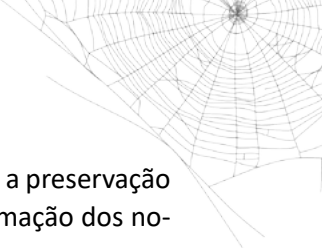
O educador Tião Rocha possui sua trajetória vinculada à concepção de que a educação acontece em todo lugar, não somente nos espaços formais. Uma das suas motivações era pensar se é possível fazer educação de qualidade sem escolas. Talvez o papel da escola na sociedade contemporânea tenha se delineado com base nas relações pautadas no currículo e nos documentos oficiais, muito mais do que nas inter-relações entre os indivíduos. É claro que não podemos prescindir do espaço formal de educação, mas ao adotar que se ensina e se aprende em muitos outros espaços, estamos abrindo um importante leque para compreender que o ato de educar é também o ato de conviver e de compartilhar experiências.

Particularmente, para o ensino de História, multiplicam-se espaços não formais que muitas vezes são usados para atividades educativas. Exemplos desses espaços são os museus, centros de memória e arquivos, que além das mediações tendo como público-alvo as escolas, também se dedicam a criar setores voltados a promoção de ações educativas. Esses educadores, de diversas áreas de atuação, incentivam o público participante dessas atividades a promoverem suas reflexões a partir de seus acervos. O objetivo não é o repasse simples de informações, mas sim, um diálogo entre o acervo (incluindo seu processo formativo), e suas múltiplas possibilidades de pesquisa.

TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO DO CEDOC/UNESC

Nessa perspectiva, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, um dos setores responsáveis pelo ensino de história em espaços não formais de educação é o Centro de Memória e Documentação da Unesc/Cedoc, setor criado no ano 2000, cuja função básica no momento de sua criação foi a salvaguarda de processos judiciais da Comarca de Criciúma que seriam incinerados, já que havia passado o prazo legal de permanência em poder do Fórum. Constituído somente como Centro de Documentação, o Cedoc foi assumindo no decorrer dos seus mais de quinze anos outras funções, além de expandir o seu acervo com novas doações e cooperações com outras entidades.

Contemporaneamente a estas ações, o Curso de História da instituição, criado em 1995 após a dissolução do Curso de Estudos Sociais, articulava a formação de uma nova grade que envolveria a dupla formação, bacharelado e licenciatura, aprimorando a consolidação da História enquanto um campo de estudos na região. Nesse momento, e após a oferta da dupla habilitação, o Centro de Documentação



possuía papel central, pois no mesmo momento em que serviria para a preservação da documentação, também funcionaria como laboratório para a formação dos novos bacharéis e licenciados em História pela Unesc.

A trajetória do Cedoc e do Curso de História seguem paralelamente até os dias atuais, sendo o Centro ampliado pelas inovações na área da pesquisa histórica e também pela interdisciplinaridade pensada nos últimos anos. A consolidação do Cedoc ao longo dos seus quase 17 anos, esteve permeada também pela participação de diversos professores/as que desenvolveram suas pesquisas vinculadas ao Centro, ou então, em decorrência de seus projetos, dissertações ou teses, ajudaram a compor e ampliar os acervos do Centro de Documentação.

Cabe ressaltar aqui o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Memória e Cultura do Carvão, grupo constituído heterogeneamente por professores/as e alunos/as de diversos cursos da instituição, e que discutiu no início dos anos 2000, as histórias e as memórias dos moradores da região no que diz respeito a presença da atividade carbonífera no sul de Santa Catarina. Em decorrência deste projeto foram produzidos inúmeros artigos e dois livros contendo os resultados do projeto. Com a finalização das pesquisas, todo o material levantado pelos pesquisadores foi depositado no Centro de Documentação compondo o Fundo Memória e Cultura do Carvão.

Durante toda a sua trajetória o Cedoc foi reformulando sua identidade, incorporando as discussões presentes no meio acadêmico e profissional da área de história, mas também da museologia e arquivística. As mudanças somadas tornaram-se significativas no ano de 2014, quando após inúmeras alterações de nomenclatura e atuação, o Cedoc passou a se chamar Centro de Memória e Documentação da Unesc, dividindo-se em quatro laboratórios, e também, áreas de atuação desempenhadas pelo Curso de História, e ainda pelos demais cursos da instituição. Os laboratórios são: Laboratório de Documentação, Conservação e Restauro, Laboratório de História Oral, Imagem e Som e Laboratório de Educação para o Patrimônio.

Neste último, buscamos desenvolver enquanto espaço de formação acadêmica e inserção comunitária, atividades que compreendam também a temática da educação em espaços não formais. O laboratório possui assim dupla habilitação, servindo como espaço formal de educação para os acadêmicos do Curso de História da Unesc e também como espaço não formal de educação para atividades desenvolvidas pelo Cedoc com a comunidade escolar externa a instituição.

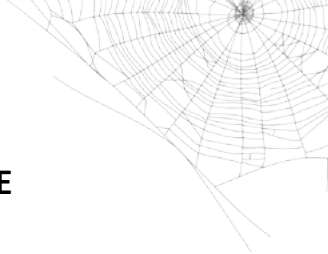
Toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espa-

ço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não-formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade. A educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. Daí também alguns a chamarem impropriamente de “educação informal”. São múltiplos os espaços da educação não formal. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não-formal) temos as Organizações Não-Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros etc. Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços (GADOTTI, 2005, p. 2).

O Centro de Memória e Documentação da Unesc/Cedoc promoveu através de seu Laboratório de Educação para o Patrimônio a oficina *Indústria Carbonífera em Criciúma: trabalho, cidade e operários/as* um diálogo entre o espaço da Universidade através do Cedoc e a educação formal de História das escolas da rede pública municipal de educação de Criciúma. Duramente o ano de 2016 foram realizados sete (7) encontros totalizando 133 alunos/as e cerca de 30 professores/as atuantes nas áreas de História, Informática e Artes.

A oficina desenvolvida consistia em uma atividade de educação patrimonial, cujo enfoque eram os documentos, principalmente fotografias, disponíveis no Fundo Memória e Cultura do Carvão, acervo do Cedoc/Unesc. A proposta seria relacionar os conteúdos e atividades desenvolvidas pelos/as professores/as na sala de aula, espaço de educação formal, e desenvolver através de uma atividade de duas (2) horas, reflexões sobre o trabalho nas minas de carvão, o patrimônio cultural, a cidade, gênero e infância.

Participaram deste primeiro ano de atividades os/as professores/as de História e os alunos/as da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental (E. M. E. I. E. F.) José Rosso, E. M. E. I. E. F. Hercílio Amante, E. M. E. I. E. F. Giácomo Zanette e E. M. E. I. E. F. Dionízio Milioli, com turmas do oitavo e do nono anos do ensino fundamental.



O CEDOC/UNESC COMO ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO

O Laboratório de Educação para o Patrimônio do Cedoc/Unesc buscou estabelecer, em 2016, por meio de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Criciúma a atividade de educação patrimonial intitulada: *Indústria Carbonífera em Criciúma: trabalho, cidade e operários/as*. Nesse processo foram convidados/as para conhecer as estruturas do Centro, os/as professores/as de História da rede municipal de ensino. Nessa primeira visita, no dia 18 de maio de 2016, foram apresentados os laboratórios que compõe o Cedoc, como também, os diferentes acervos da instituição.

Nesse encontro objetivamos estabelecer um vínculo entre os/as alunos/as e professores/as da educação básica com a universidade, de maneira específica, com uma instituição de memória e salvaguarda documental. O Cedoc/Unesc sempre ofereceu atividades para a comunidade escolar, no entanto, nosso intento era desenvolver ações que possibilitassem o contato direto com as fontes (fotográficas, audiovisuais e em suporte papel), possibilitando aos alunos/as a produção de conhecimentos a partir do trato com as fontes históricas, e ainda, noções básicas de conservação.

Para além do trabalho com o patrimônio documental, buscávamos também ampliar os olhares sobre a cidade, observando lugares de memória (patrimonializados ou não) relacionados às atividades carboníferas, evidenciando as memórias dos/as alunos/as e suas experiências. Desse modo, consideramos as atividades desenvolvidas, exemplos de educação patrimonial. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan,

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação¹.

Nessa perspectiva, elaboramos coletivamente uma ação educativa que pretendia possibilitar aos alunos/as reflexões sobre a atividade carbonífera em

1 EDUCAÇÃO patrimonial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>>. Acesso em: 25 abril 2017.

Criciúma, destacando as estruturas do carvão – e seus espaços de memória –, como também, as relações de trabalho, o movimento operário mineiro, a presença das mulheres nessas atividades e ainda, as transformações urbanas e ambientais promovidas pela extração do carvão. A ação foi direcionada às turmas dos 8º e 9º anos, período em que os/as alunos/as estudam conteúdos relacionados a conceitos como industrialização, modernização e urbanização.

Na parte final da atividade, buscamos evidenciar o trabalho desenvolvido com o acervo documental discorrendo sobre técnicas de conservação e restauro desenvolvidas no Cedoc. Após esse conhecimento teórico, os/as alunos/as realizavam uma oficina de higienização com documentos disponíveis para ações pedagógicas.

A atividade desenvolvida ao longo de duas horas, visava articular o ensino de História desenvolvido em sala de aula, com um espaço não formal de educação, destacando conceitos como patrimônio – especialmente documental –, memória, identidades e identificações. Segundo Maria Stephanou (2014, p. 19-20) essas propostas de ação educativa possibilitam:

- A compreensão de uma outra linguagem, inscrita nos indícios de um passado, que se constitui como um dos elementos de nossa ancestralidade;
- A compreensão das representações de diferentes épocas, expressas na produção de determinados acervos;
- A elaboração de uma crítica dessa linguagem, dos discursos que os museus/acervos manifestam, sejam eles nacionalistas, ou aristocrático, ou machista, ou popular, ou imperialista, ou etnocentrista, ou comunitário, ou...
- O incentivo não a um culto às ruínas, mas, nas palavras de Besset, “uma sensibilização nostálgica da memória”;
- A leitura, não menos importante, de diferentes temporalidades que, segundo Chartier [...], possibilitam que “o presente seja o que é, herança e ruptura, invenção e inércia a cada vez, e esta segue sendo uma tarefa dos historiadores e sua responsabilidade principal para com seus contemporâneos” (tradução livre).

Nessa perspectiva, integrando o Cedoc, os/as professores/as e alunos/as, iniciamos nossa atividade ofertando uma oficina de produção de audiovisual para os/as educadores/as da disciplina de história e áreas afins. Nessa oficina apresentamos alguns trabalhos realizados pelo Laboratório de História Oral, Imagem e Som do Cedoc.

A oficina ocorreu no dia 10 de agosto em um dos laboratórios de informática da Universidade do Extremo Sul Catarinense/Unesc. Nesse encontro foram apresentadas possibilidades de utilização do audiovisual como ferramenta didática. Embora as oficinas estivessem estruturadas para o ensino de história, contamos também com a presença de profissionais e educadores/as de informática e artes das escolas da rede municipal.

Nesse encontro, o professor Tiago da Silva Coelho, na época coordenador do Cedoc/Unesc e professor da disciplina de História Imagem e Som do curso de História, conduziu os debates abordando o processo prático de construção de roteiros, filmagens e edição. Além disso, foram exibidos audiovisuais produzidos por acadêmicas/os do curso de História e, também pelo próprio Cedoc, como o *teaser* produzido pelas acadêmicas Isadora Espindola e Mireli Hainzenreder², sobre a trajetória do Centro. O audiovisual *Feitiço e Cura*³ produzido pelos/as acadêmicos/as Júlia Baldessar, Nathália Cabral, Arthur Videira e Kleber do Nascimento também foi exibido aos participantes.

Nessa oficina, e como parte importante do contato entre professores/as e os laboratórios do Cedoc, como proposta de atividade foi realizada a produção de um audiovisual utilizando o *Windows Movie Maker* encontrado em muitos computadores com o sistema operacional Windows. Embora o *Windows Movie Maker* tenha poucos recursos para edição de vídeos é de fácil utilização e de maior acesso nas escolas públicas, que em grande parte não dispõe de ferramentas mais atualizadas e modernas, como exemplo: *Adobe Premiere Pro*, *Sony Vegas Movie Studio*, *Corel Video Studio Pro x4* e *Filmora*, editor que utilizamos em um de nossos laboratórios.

Após discussões teóricas relacionadas a alguns conceitos sobre a prática audiovisual, como cortes, efeitos, textos, músicas, créditos etc., teve início a edição por parte dos professores/as presentes que foram auxiliados/as pela equipe do Cedoc.

2 Estagiárias durante o período de 2014-2016. O audiovisual foi exibido na XIV Semana de Estudos Históricos, em 2015.

3 Exibido na Primeira Mostra de Vídeos Históricos organizado pelo Cedoc em parceria com o Centro Acadêmico de História Édson Luís – CAHEL.

Figura 1 – Oficina de produção de audiovisual com professores/as.



Fonte: Acervo do Cedoc.

Embora a temática fosse livre, enfatizamos a importância de produções relacionadas a história local. Disponibilizamos materiais do acervo do Cedoc, principalmente referentes ao *Memória e Cultura do Carvão*, que possui um vasto material – documentos escritos, VHS, jornais, fotografias etc. – além de sites e blogs que possuem acervos digitais sobre a região.

A oficina buscou ainda problematizar o uso do recurso audiovisual em sala de aula, enfatizando sua importância, mas também, a necessidade de problematização dessa fonte, já que o audiovisual carrega intencionalidades e discursos datados. O audiovisual não pode ser identificado como um agente de verdades fixas, imutáveis e com apenas uma ótica sobre um processo histórico ou acontecimento, são representações que podem e devem ser problematizadas. As produções, tanto cinematográfica – sejam elas hollywoodianas ou não –, como as documentais e ca-seiras, devem ser interpretadas como algo intencional, onde inexistente neutralidade.

Toda e qualquer produção é cercada de simbologias, signos, ideologias e intenções, mesmo que sejam as mais simples e “inofensivas”. Segundo Hagemeyer:

O uso de filmes como recurso didático nas escolas aumentou após a difusão do videocassete, surgindo também a preocupação em relação à preparação, por parte do professor, de atividades relacionadas aos seus conteúdos. É sintomático hoje que nas listas de filmes disponíveis na internet voltados para o ensino de história haja a presença maciça de obras de ficção consagradas no cinema e na televisão, as chamadas “reconstituições de época”, cuja trama é ambientada em algum momento do

passado. [...] Quando usados meramente como “entretenimento” e não problematizados em sala de aula, esses filmes fazem a escola (e mesmo a universidade) refém da linguagem audiovisual hegemônica nos meios comerciais (HAGEMEYER, 2012, p. 112).

A atividade foi finalizada com a exibição dos audiovisuais produzidos pelo as participantes da oficina. Após essa etapa teve início os agendamentos das atividades com os/as alunos/as, que foram todas realizadas no Laboratório de Educação para o Patrimônio.

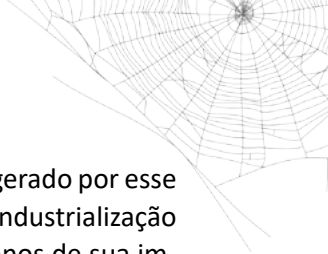
INDÚSTRIA CARBONÍFERA EM CRICIÚMA: TRABALHO, CIDADE E OPERÁRIOS/AS

A oficina ministrada com os/as alunos/as foi dividida em dois momentos, discussão e prática. No primeiro momento foi realizada uma apresentação da história do Centro de Memória e Documentação da Unesc, aonde apresentamos seus quatro laboratórios: (1) Laboratório de Documentação, Conservação e Restauro, (2) Laboratório de Educação para o Patrimônio, (3) Laboratório de História Oral, Imagem e Som e do (4) Memorial da Unesc, também integrado ao Centro.

Além da apresentação dos espaços físicos também apresentamos brevemente os acervos salvaguardados: Fundo Cedoc, Fundo Empresa Bortoluzzi, Fundo Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular (CEDIP), Coleção Memória e Cultura do Carvão, Coleção Pe. Estanislau Cizeski, Coleção do Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC), Coleção Justiça do Trabalho (acervo pertence ao Arquivo Histórico Municipal ‘Pedro Milanez’), Coleção Tribunal de Justiça, Coleção Memória da Unesc, acondicionados no Laboratório de Documentação, Conservação e Restauro.

Após essa explanação, tinha início o diálogo com os/as alunos/as sobre o processo de instalação das atividades carboníferas em Criciúma. Durante a exposição eram projetadas várias imagens da cidade. As fotografias pertencentes a coleção Memória e Cultura do Carvão, destacavam o processo de industrialização e urbanização de Criciúma durante o período de apogeu do setor. Buscamos enfatizar ainda as modificações na paisagem da cidade, as características do trabalho nas minas de carvão, como a insegurança e a precariedade.

Foram selecionadas fotografias referentes às temáticas apresentadas, de modo a possibilitar a discussão sobre processos migratórios em Criciúma, motiva-



dos pelas atividades do setor carbonífero, como também o impacto gerado por esse aumento populacional, pelo processo de urbanização vinculado a industrialização e as principais características da extração do carvão nos primeiros anos de sua implementação. Em um segundo momento foram analisadas fotografias panorâmicas de diferentes temporalidades da cidade de Criciúma, observando as mudanças a partir da instalação da ferrovia e de seu deslocamento na cidade, a constituição de bairros operários e uma análise contemporânea dos lugares de memória criados para evidenciar este período.

Outras fotografias objetivavam analisar as transformações no modo de extração do carvão e como isso influenciava o cotidiano e a segurança dos/as trabalhadores/as. Nesse sentido, destacamos o papel dos sindicatos como principal veículo de reivindicação e organização da classe trabalhadora. As fotografias também evidenciavam o trabalho feminino e infantil nas minas, a atividade pouco visibilizada que era vital para o funcionamento da produção carbonífera.

A metodologia escolhida, visava privilegiar uma aproximação entre os/as alunos/as e um passado recente da cidade e que ainda permanece marcado nas construções e memórias compartilhadas pelos habitantes da região. O uso de fotografias possibilita uma dupla abordagem, ela pode ser considerada como referência à história, mas também como legado ao futuro.

É importante considerar a fotografia simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. (Le Goff, 1985) No primeiro caso, considera-se a fotografia a marca de uma materialidade passada, que nos informa sobre determinados aspectos desse passado, como condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Como documento e monumento, a fotografia informa e também conforma visões de mundo (MAUAD; LOPES, 2012, p. 264).

A utilização das fotografias nesta atividade educativa tenta problematizar a perspectiva da imagem como discussão de temporalidades, o intuito foi discutir esta dupla habilitação da imagem, incentivando os/as alunos/as a observar mudanças e permanências na paisagem urbana, tanto como representação direta de uma sociedade passada ou como símbolo de um tempo perpetrado ao futuro.

Não são, pois, documentos os objetos da pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade. Por isto, não

há como dispensar, aqui, também, a formulação de *problemas históricos*, para serem encaminhados e resolvidos *por intermédio de fontes visuais*, associadas a quaisquer outras fontes pertinentes. Assim, a expressão “História Visual” só teria algum sentido se se tratasse não de uma História produzida a partir de documentos visuais (exclusiva ou predominantemente), mas de qualquer tipo de documentos e objetivando examinar a *dimensão visual* da sociedade. “Visual” se refere, nestas condições, à sociedade e não às fontes para seu conhecimento – embora seja óbvio que aí se impõe a necessidade de incluir e, mesmo, eventualmente, privilegiar fontes de caráter visual (MENEZES, 2002, p. 150-151).

Essa discussão nos interessa ao ponto de utilizarmos as imagens para discussão de problemas históricos, nesse caso, a sociedade carbonífera em Criciúma no século XX, perpetrado pelas memórias e documentos salvaguardados pelo Cedoc/Unesc.

Por meio dessas imagens, destacamos as atividades dos/as trabalhadores/as do setor carbonífero, além do surgimento dos sindicatos e das greves reivindicando melhores condições de vida e de trabalho. Para além das fotografias, também utilizamos recortes de um audiovisual produzido pelo Cedoc e acadêmicos/as do curso de História⁴ utilizando filmagens do Fundo Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular (CEDIP) sobre a Greve da Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá – CBCA, ocorrida em fins da década de 1980.

Essa etapa tinha como objetivo divulgar os acervos do Memória e Cultura do Carvão e Fundo Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular (CEDIP), possibilitando aos/às alunos/as novos ângulos para interpretar a história da cidade. As análises produzidas pelos/as participantes da oficina estavam em consonância com os temas estudados em sala de aula, o que possibilitava um diálogo entre os dois espaços e os diferentes profissionais.

Ações educativas em instituições arquivísticas não precisam necessariamente se voltar para a comunidade escolar. Outros grupos podem fazer parte de atividades dessa natureza. Apesar disso, é inegável a predominância dos estudantes e dos professores como público-alvo das iniciativas de cunho educacional. Tal situação se deve a um interesse recíproco. As instituições arquivísticas veem alunos e educadores como destinatários preferenciais de possíveis ações e as unidades escolares e seus

⁴ Audiovisual produzido para a disciplina de “Oficina de Ensino e Pesquisa: História, Imagem e Som” no ano de 2013.

agentes percebem os arquivos como importantes espaços de conhecimento e pesquisa, com especial interesse nas possibilidades de uso de seus acervos (RIBEIRO; TORRE, 2012, p. 72).

Após essa exposição, a restauradora e a técnica/historiadora responsáveis pelo Laboratório de Documentação, Conservação e Restauo, Selma T. L. Dassi e Krislaine da Cruz de Campos, iniciavam um momento de conscientização sobre a importância da conservação e preservação de documentos históricos e pessoais, como também, sobre os malefícios que o armazenamento incorreto pode causar aos documentos e livros. Nesse sentido, era explanado e demonstrado brevemente algumas técnicas de conservação que auxiliam na prolongação da vida útil desses materiais.

A última etapa da oficina era uma atuação prática. Os/as alunos/as realizavam técnicas de higienização dos documentos que fazem parte do acervo para prática pedagógica do Cedoc. Os/as participantes recebiam máscaras e luvas para a execução da aula prática. A técnica utilizada, consiste em higienizar os documentos com pós de borracha com auxílio de uma buchinha feita de pano e algodão, finalizando com o auxílio de uma trincha para retirar a borracha do documento.

Nesse processo os/as alunos/as tiveram contato com as práticas de conservação e puderam perceber que a borracha retirada no processo de higienização encontrava-se escurecida devido a condição em que os documentos se encontravam: sujidades, cliques, grampeadores, fitas durex etc. A cada etapa a ser realizada os ministrantes da oficina conversavam e explicavam para os/as alunos/as a finalidade de cada procedimento.

Figura 2 – Oficina de higienização com os/as alunos/as das escolas participantes.



Fonte: Acervo Cedoc.

A primeira função dessa atividade era despertar a curiosidade dos/as alunos/as para a conservação de seus próprios documentos e também dos de seus familiares, durante essa atividade, os/as participantes mencionavam diversos exemplos de documentações pessoais que estavam acondicionadas de maneira inadequada, tais como: certidões de nascimento, fotografias, diplomas etc. Deste modo, devido as técnicas serem pouco conhecidas, mas fundamentais para a preservação documental, estabeleciam-se diálogos em torno da necessidade de preservação, demonstrando a relação entre as duas etapas da atividade, a discussão sobre os documentos preservados no acervo do Memória e Cultura do Carvão e a atividade de preservação dos documentos, somente assim, compreende-se a necessidade de salvaguardar as informações para as gerações futuras.

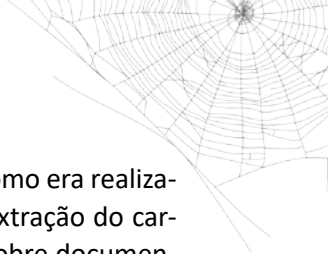
Figura 3 – Oficina de higienização com os/as alunos/as das escolas participantes.



Fonte: Acervo Cedoc.

Finalizando essa etapa os/as alunos/as respondiam a um questionário. A aplicação do questionário tinha como objetivo avaliar a atividade de modo a perceber como os/as participantes se apropriaram das discussões e das atividades práticas. Além disso, o material possibilitaria avaliar a própria oficina observando possibilidades de melhoria e desdobramentos das atividades.

O questionário estava dividido em dois momentos: questões voltadas a documentação relacionada com as atividades carboníferas em Criciúma, e outra parte sobre a atividade prática com os documentos, visando ainda, melhorar a proposta da oficina.



O questionário contava com as seguintes indagações: 1) Como era realizado o trabalho nas carboníferas criciumenses? E atualmente? 2) A extração do carvão influenciou na paisagem urbana da cidade? Cite exemplos. 3) Sobre documentos: você considera importante guardar documentos antigos? Por quê? 4) Depois de higienizar os documentos descreva: a) Como está o documento? (amarelado, rasgado, sujo etc.) b) O documento possui identificação? (nomes, datas, local etc?) c) Como ficou o documento depois da higienização?

As respostas eram rápidas, e algumas vezes com pouca elaboração, porém a partir da análise destas respostas podemos avaliar e reestruturar nosso modo de compreender o mundo escolar. As respostas à pergunta direcionada sobre como era o trabalho realizado nas carboníferas criciumenses anteriormente se resumiram em: falta de segurança nas minas, trabalho perigoso ou trabalho pesado. Sobre a interpretação dos/as alunos/as nas modificações na paisagem urbana na cidade de Criciúma relacionando com a indústria carbonífera destaca-se a poluição dos rios, o surgimento de prédios, desmatamento de árvores e o surgimento de vilas operárias que se transformaram em bairros.

Porém, outras respostas enfocaram somente aspectos positivos sobre a indústria carbonífera como a geração de empregos e o crescimento da cidade, gerando por sua vez melhorias e urbanização. Sobre as respostas direcionadas a importância do documento, alguns alunos/as destacaram que o documento é uma fonte histórica e como tal necessita ser guardado como uma ponte para o passado ou porque os documentos são portadores da nossa identidade.

As respostas sobre a segunda etapa da oficina, na qual os/as alunos/as tiveram a oportunidade de realizar uma breve higienização, não foram desenvolvidas para além de questões objetivas como: sujos, rasgados, amarelado. A pergunta com relação a identificação dos documentos higienizados somente foram citadas informações preliminares como nomes, datas, assinaturas e locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas pela parceria entre o Centro de Memória e Documentação da Unesc – Cedoc e a Secretaria de Educação do Município de Criciúma, durante o ano de 2016 resultaram em significativa intervenção na realidade escolar, o deslocamento de espaço e de atividade possibilitou uma mudança no cotidiano dos/as alunos/as. O objetivo do diálogo entre as instituições foi oportunizar aos/as alunos/as da rede municipal de ensino a realização de oficinas, despertando diferentes olhares sobre a história de Criciúma por meio dos acervos do

Cedoc. De modo que foi possível estabelecer um contato com os/as professores/as da rede através da realização de atividades de apresentação do Centro, destacando seus acervos e o trabalho realizado em seus laboratórios.

A oficina intitulada “Indústria carbonífera em Criciúma: trabalho, cidade e operários/as” problematizou por meio de fotografias e audiovisuais do acervo o trabalho do/a historiador/a, deslocando a relação de ensino da sala de aula para um ambiente externo, os laboratórios do Cedoc/Unesc foram também utilizados como espaços não formais de educação, refletindo que há ensino em locais que possuem outras finalidades como a salvaguarda e a pesquisa em História.

Por último, os/as educandos/as responderam ao questionário aonde expressaram sua percepção sobre os diferentes momentos da atividade. Ao todo foram recebidos mais de cem alunos/as para a realização da oficina, sendo que há o intuito de permanecer com as atividades em 2017, adaptando as dificuldades para fortalecimento da atuação do Cedoc/Unesc na interação com a comunidade externa a instituição. Nesse sentido, podemos concluir que o projeto proporcionou aos/as alunos/as e professores/as lançar novos olhares para a cidade, conhecendo diferentes aspectos da urbe, e evidenciando diversos sujeitos históricos. Além disso, auxiliando na difusão de práticas de preservação documental por meio da sensibilização dos/as alunos/as e professores/as a pensarem seus próprios documentos como importantes registros de memória.

REFERÊNCIAS

EDUCAÇÃO patrimonial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>>. Acesso em: 25 abril 2017.

GADOTTI, M. La question de l'éducation formelle/no formelle. *In*: Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?, 2006, Sion. **Right to Education Solution to all Problems or Problem without Solution?**. Sion: Institut international des droit de l'Enfant c/o Institut Universitaire Kurt Bösch, 2005. p. 91-108.

HAGEMEYER, R. R. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MAUAD, A. M.; LOPES, M. F. de B. História e Fotografia. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MENEZES, U. T. B. de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 131-151, 2002.

RIBEIRO, R. R.; TORRE, M. M. C. Educação Patrimonial e o Ensino de História em Instituições Arquivísticas Ações educativas no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 67-88, jan./jun. 2012.

STEPHANOU, Maria. Evidências da História, memórias entretecidas: experiências e novas aproximações em torno do patrimônio. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaçleski (org.). *Patrimônio cultural e ensino de História*. Porto Alegre: Edelbra, 2014.